

EUCLIDES DA CUNHA

Por AGRIPPINO GRIECO

O pai de Euclides da Cunha, ao que acentuou, em ensaio abundantemente informativo, o sr. Mário F. Oberlander, não era indiferente às letras, fizera versos em moço e lia muito. Ao filho procurou dar instrução condigna da vivacidade de inteligência que lhe sentira desde o berço e transmitiu-lhe também um caráter retilíneo, bem visível no estudante que, na Escola Militar, atirou a espada aos pés do ministro da Guerra e soltou um viva à República.

Iniciou Euclides a sua carreira de jornalista num diário de São Paulo em que se fazia a propaganda republicana, isto em fins de 88. Na revolta de 93, esteve ao lado de Floriano, lutando nas trincheiras do morro da Saúde, o que não o impediu de, sempre generoso, apiedar-se dos vencidos, insurgindo-se contra os que pretendiam afixá-los a cal, no calabouço em que jaziam. Em 97, partiu para Canudos, a fim de assistir à luta como simples representante de outra fôlha paulista. Aí, repórter de gênio, só comparável ao Kipling que descreveu as operações militares de lord Roberts, traçou as mais belas cartas que um jornal brasileiro já inseriu, embora escritas sem elementos de consulta, na barafunda da campanha, nos primeiros jatos da emoção tumultuosa. Nessas epístolas estava a base do nosso livro supremo, coordenado e ultimado mais tarde, num

barração de São José do Rio Pardo, onde Euclides veio a servir como engenheiro dirigindo a reconstrução de uma ponte. De dia chefiava os obreiros e de noite escrevia. Nada de livresco ou pedantesco em sua vida, vivida na energia diurna e amplificada na meditação noturna. Esse trabalhador, que não foi pesado aos seus amigos, que não foi pesado aos seus pais, e, antes, foi vítima de tudo e todos, até da própria família, enriqueceu o Brasil, do fundo de sua pobreza, com um livro cheio de germes, cheio de perspectivas para a nossa vitória no mundo da cultura.

E ele escolhido para a Academia de Letras, vendo o seu nome sufragado por um Machado de Assis e um Rio Branco. Em 1905, correu o Amazonas a serviço do governo federal, fazendo versos nas horas de folga, para combater a velha tristeza atávica de índio sem taba e sem tribo. De lá, versando uma árdua questão de limites, trouxe um volume em defesa da Bolívia, que um boliviano verteu com grande dificuldade para o espanhol, porque Euclides o escrevera com a pompa verbal de sempre, vestindo de púrpura o pobre manequim diplomático. Em 1906, tomou posse na Academia, sendo recebido por Sílvio Romero, que o saudou naquela linguagem de caboclo destabocado, naquele destempêro de rudes verdades tão agradáveis ao valente sergipano e tão desagradáveis aos eunucóides da metrópole. Os "Contrastes e Confrontos" foram publicados um ano depois. Já por essa época, como se verifica de uma carta sua a Vicente de Carvalho (cujo melhor livro ele prefaciou admiravelmente, quase matando as poesias do outro com a sua prosa), Euclides se queixava de viver uma vida de asceta, privado de todas as festas do mundo, trabalhando como um negro e gozando menos do que qualquer funcionário público. Em 1909, concorreu a uma cadeira de lógica no Pedro II, batendo-se com Farias Brito, o maior cérebro, como receptividade e capacidade de interpretação, que a filosofia produziu no Brasil. E, apenas com quarenta e três anos de idade, foi assassinado por um militar.

No seu auto-retrato em verso, Euclides escreveu:

Este caboclo, este jagunço manso,
Misto de celta, de tapuia e gregô...

Havia, nele, efetivamente, um pouco de tudo isto. Um íntimo falou da sua despreensão de roupas, dos seus zigomas salientes, do seu olhar ora vivo e inquieto, ora vago e absorto, dos seus cabelos a caírem-lhe sempre pela testa, do seu todo de aborígene que parecia um estranho na cidade e

sentia a cada instante a atração do mato. Sílvio, ao vê-lo pela primeira vez, encontrou nele o tipo perfeito do cariri.

"Os Sertões", eis a obra que melhor reflete a nossa terra e a nossa gente. As populações sertanejas, talvez as mais substancialmente nacionais, aí estão, vivíssimas. A parte do volume consagrada à terra decifrou a incógnita geológica que era, na obra dos nossos cartógrafos, um espaço em branco, um zero científico. As paisagens são pinceladas por um colorista bárbaro que bracejava na luz e metia, em suas tintas, pedaços de metais coruscantes. Calcinado pela canícula ou reverdecido pelas enxurradas, o sertão é, aí, inferno amarelo ou paraíso verde. O crítico português Bruno, que nunca foi suspeito de amor ao Brasil, encontrou, nessa descrição, as sessenta e uma páginas mais formosas que já se escreveram em nossa língua. A fauna e a flora, o sol e as chuvas, a orografia e a potamografia, tudo, no trabalho de Euclides, vive, numa obra de ciência que fosse ao mesmo tempo poesia e pintura. A segunda parte é consagrada ao homem, precioso documento de etnografia, preciosa lição de coisas dada por um homem livre aos escravos do poder, por um sociólogo sem cátedra aos maus governantes da nação. Apelo aos cidadãos para que redescobrissem a sua pátria, para que olhassem com mais respeito o patricio roubado e chacinado dos sertões. Esse escritor disse a verdade no país da mentira e foi original no país do plágio, desnudando o sertanejo triste e feio, mas com tantas reservas nas ocultas possanças de sua alma incompreendida ou caluniada. Provou que o Brasil não está no ilusório debrum de civilização do litoral, mas nas riquezas morais do interior inexplorado. Os seus trechos sobre o vaqueiro e o jagunço e o seu retrato de Antônio Conselheiro, esse "gnóstico bronzeo", poderiam, não fosse a muralha da língua, circular pelo mundo todo. Na terceira parte, a narração da campanha de Canudos constitui o pior libelo contra as matanças fratricidas, é o mais veemente dos panfletos antimilitaristas, é a mais grave denúncia contra certos matadores profissionais que só têm de igual à inépcia a covardia.

O estilo de Euclides (que os srs. Pedro A. Pinto e Francisco Venâncio Filho conhecem por assim dizer tecnicamente) foi invenção sua; é próprio preparou a ferramenta com que trabalhou. Num tal estilo, o adjetivo reina com esplendor de rajá, mas o substantivo é que, na realidade, governa. Acusaram-no de escrever com um cipó. Mas esse cipó enleia o leitor e o obriga a ficar olhando as flores e os troncos da floresta magnífica...